

Os primórdios da televisão em Santa Catarina: mercado e produtos¹

Cárlida EMERIM²
Beatriz CAVENAGHI³

Resumo: O artigo propõe restabelecer uma parte da história de implantação das emissoras de televisão em Santa Catarina com vistas a contribuir para a sistematização desses estudos. Para tanto, contextualiza a televisão no Brasil no período entre 1950 e 1980, relaciona com a televisão em Santa Catarina e enfatiza as produções em telejornalismo neste período. Ao longo da pesquisa, analisando os formatos, percebeu-se que muitos dos produtos televisivos exibidos no estado catarinense traziam marcas da política econômica da época em detrimento de escolhas ou propostas de produção de conteúdo para a nova mídia (principalmente no período entre 1964 e 1980). Também foi possível perceber algumas semelhanças em relação à implantação das emissoras de tevê no Rio Grande do Sul (excetuando a análise sobre o Grupo RBS, hegemônico nos dois estados). O método baseou-se em revisão bibliográfica, levantamento documental, entrevistas e análise discursiva de produtos.

Palavras-chave: Jornalismo, História, Televisão; Santa Catarina, Implantação.

Los tiempos inaugurales de la televisión en la provincia brasileña de Santa Catarina: mercado y productos

1 Uma primeira parte deste trabalho foi apresentada no 4º Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia – ALCAR RS cujo foco, naquele momento, centrava-se nas semelhanças e diferenças no processo de implantação das emissoras de televisão no Sul do país. O texto ora apresentado, com foco na mídia catarinense, traz resultados mais amplos, fruto do desenvolvimento da pesquisa que se encontra em fase final de produção.

2 Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTe/UFSC/CNPq), carlidaemerim@gmail.com.

3 Jornalista, Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora na Associação~ao Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTe/UFSC/CNPq); cavenaghi.bea@gmail.com.

Resumen: El artículo se propone recuperar una parte de la historia de la creación de canales de televisión en Santa Catarina con el fin de contribuir a estos estudios. Por lo tanto, contextualiza la televisión en Brasil, en el período comprendido entre 1950 y 1980 se refiere a la televisión en Santa Catarina y hace hincapié en las producciones en periodismo televisivo en este período. Durante la investigación, el análisis de las formas, se comprobó que muchos de los productos que aparecen en la televisión estatal Catarina tenían señales de la política económica del tiempo en lugar de opciones o propuestas para la producción de contenidos para nuevos medios de comunicación (sobre todo en el período comprendido entre 1964 y 1980). También fue posible observar algunas similitudes con respecto a la instalación de estaciones de televisión en Rio Grande do Sul (excepto para el análisis del Grupo RBS, hegemónico en ambos estados). El método se basa en la revisión de la literatura, el estudio documental, entrevistas y el análisis del discurso de los productos.

Palabras clave: Periodismo, Historia, Televisión, Santa Catarina, Implementación.

Lembrar não é ato que deve privilegiar apenas o passado remoto. Revisões e reminiscências devem ser continuação, fecho natural dos eventos. O resgate sistemático de acontecimentos recentes pode evitar grandes lapsos na memória e os grandes buracos no tecido da História. Pretéritos perfeitos, só em gramática – todos os passados dever ser investigados e revistados. Quanto mais cedo, melhor. (DINES apud PEREIRA, 1985, 07.)

O estudo da história da mídia tem sido retomado nos últimos anos no Brasil com muita pertinência e qualidade. Muito embora se reconheça um crescimento neste campo, os pesquisadores que se interessam em restabelecer a história da televisão encontram grandes desafios. Sobre este restabelecimento, Machado (2000) recupera a dificuldade em tratar o tema televisão nos estudos acadêmicos e, mais ainda, a complexidade de se ensinar a produção de televisão nos bancos de graduação por falta de estudos históricos na área. A televisão era mídia de baixo escalão, considerada por muitos intelectuais influentes e formadores de opinião um suporte de manipulação nas mãos de empresários e políticos poderosos.

Como resultado, obteve o distanciamento, o desprezo, a precária mobilização em torno dos estudos de televisão no Brasil ao longo dos anos. Na introdução de recente obra publicada, Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010) reforçam esta deficiência:

Ela está presente na estruturação da política, da economia e da cultura brasileiras. Apesar disso, ainda existem poucos estudos históricos realizados sobre a televisão brasileira. Majoritariamente, os que existem oscilam entre o “generalismo”, que tende a perder os detalhes dos fatos e processos, e o “particularismo” que, preso a uma análise pontual, desconsidera a dimensão contextual mais ampla. (RIBEIRO, SACRAMENTO e ROXO, 2010, p. 07 e 08).

Se a televisão e sua história representam um campo aberto para a investigação, mais ainda os produtos televisuais, especificamente os telejornais. O telejornal foi um dos primeiros produtos desenvolvidos durante a implantação da televisão no Brasil. Dois dias depois do lançamento da pioneira TV Tupi, em 20 de setembro de 1950⁴, já estava no ar o primeiro telejornal, o *Imagens do Dia*. Embora esteja intimamente ligada à implantação da televisão no país, a história desse e de outros telejornais pioneiros ainda carece de maior imersão e restabelecimento. Principalmente aquela história que se desenvolveu fora dos eixos mais ricos e produtivos, bem como a que aconteceu no interior dos estados brasileiros. Nesta direção desenvolve-se a pesquisa sobre a história de implantação das emissoras de televisão em Santa Catarina no intuito de mapear os programas do gênero telejornal que fizeram história neste estado.

Além do objetivo central de compreender a história e os modos de produção, propõe-se também sistematizar os estudos já realizados sobre esta mídia que, conforme a pesquisa mostrou, encontram-se de forma espalhada em diferentes referências e sem uma normatização e contextualização. Também se acredita que ao se desenvolver em todo o território nacional, as produções televisivas regionais merecem uma investigação mais apurada com vistas a registrar as formas de produção que surgem a partir de especificidades como a cultura, a identidade e as adaptações propostas às formas de implantação de um mercado comum. Este trabalho propõe reunir as principais referências que remetem ao restabelecimento histórico de implantação das emissoras

4 Segundo aponta Rezende (2000).

de televisão no estado catarinense e, de quebra, ensaiar algumas considerações sobre o mercado e os produtos telejornalísticos.

O primeiro levantamento da história das emissoras catarinenses em diferentes fontes apontou para uma série de desencontros nas informações, principalmente com relação a datas⁵. Além disso, durante a busca por materiais que ajudassem a restabelecer a memória televisual dos programas pioneiros em Santa Catarina, em arquivos das emissoras, no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina e na Casa da Memória de Florianópolis⁶, verificou-se a quase inexistência de arquivos públicos de imagens da televisão. Aliás, o mesmo acontece em quase todos os outros estados do território nacional, visto que não existe um arquivo nacional de imagens televisivas, nos moldes da Biblioteca Nacional, por exemplo, que reúne a história dos jornais, revistas e publicações impressas no país e permite o acesso irrestrito a esse material, fortalecendo a área de pesquisa através de estudos e análises históricas⁷. Mesmo assim, a partir do consentimento das empresas, foi possível ter acesso aos materiais por eles disponibilizados, quase todos dos últimos cinco anos. Arquivos anteriores, ou se encontram nas sedes das empresas cabeça de rede⁸ (no Rio de Janeiro ou em São Paulo) ou não existem mais. A pesquisa apurou também que muitos realizadores pioneiros e familiares guardam acervos importantíssimos, mas até hoje não se conseguiu chegar até estes materiais. Assim, a partir do que se teve acesso e da sistematização histórica empreendida, apresenta-se, a seguir, considerações sobre a história, o mercado e os produtos telejornalísticos em Santa Catarina.

5 Quando se identificou este tipo de caso, se optou pelo registro de todas as datas encontradas para contemplar as diferentes versões sobre o mesmo fato.

6 Durante a pesquisa, foram realizadas também entrevistas com os pesquisadores da história da mídia de Santa Catarina Moacir Pereira e Antunes Severo. Os depoimentos reiteram as informações que já haviam sido coletadas nas obras publicadas pelos dois autores e, por esse motivo, optou-se, neste artigo, por manter as informações com referência aos arquivos bibliográficos. As entrevistas, gravadas em áudio e vídeo, fazem parte do acervo do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele).

7 Aliás, sobre este aspecto, algumas entidades e, mais especialmente, o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) tem apoio do professor Antonio Brasil (UFSC) na **Campanha pelo Livre Acesso aos Arquivos de Imagem da Televisão Brasileira** (muitos deles em poder e guarda fechada das próprias emissoras). Pesquisadores enfrentam burocracias e inúmeros empecilhos para poder acessar arquivos e, muitas vezes, inviabilizam não só as pesquisas de dados como e, principalmente, a pesquisa de aspectos históricos.

8 Termo que define as emissoras que são centrais na programação das emissoras afiliadas, caso da Record, SBT, Bandeirantes e Rede Globo, cada uma delas possui uma afiliada no estado que retransmite a sua programação na maior parte do tempo, tendo pouco espaço de produção local. Sistema de Redes de Mercado instituído a partir de 1964 no Brasil e que consolidou algumas emissoras como líderes nacionais.

As histórias já contadas sobre a TV em Santa Catarina

Há cerca de 10 anos, o jornalista Moacir Pereira destacava em seu livro *Imprensa e Poder* que a história real da instalação da televisão em Santa Catarina está para ser escrita, (PEREIRA, 1992)⁹. A afirmação do autor aponta para o fato de que alguns trabalhos contribuíram para o registro de dados históricos sobre o tema, mas ainda há uma necessidade de reconhecer e organizar o conteúdo já publicado. No campo dos estudos acadêmicos, o primeiro registro da história da televisão no estado data de 1984, num Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina que apresenta detalhes dos bastidores da instalação da emissora no centro da Capital, alguns dados sobre a programação cultural e jornalística e a luta de seus idealizadores com a burocracia da época em busca da licença para o pleno funcionamento da emissora.

Em 1991, Ben Hur De Marco, defendeu a dissertação *O controle da Mídia: elites e radiodifusão em Santa Catarina*¹⁰, analisando as relações entre as concessões de rádio e televisão no estado com a elite catarinense. De Marco aborda o controle dos meios de comunicação no período entre as décadas de 40 e 90, identificando quais foram os grupos políticos e empresariais que dominaram a radiodifusão nesta época. Nessa dissertação, o autor dedica um capítulo inteiro à contextualização da radiodifusão em Santa Catarina, com base, principalmente, no resgate de notícias publicadas na imprensa catarinense. O autor destacava, já naquela época, a dificuldade em encontrar registros sobre o assunto:

A radiodifusão é uma lacuna a ser preenchida na literatura histórica de Santa Catarina. Não há sequer um único trabalho tratando especificamente do assunto, e mesmo as menções em obras mais genéricas, além de raras, são superficiais, quando não imprecisas (DE MARCO, 1991, pg. 47).

No ano seguinte, 1992, Sérgio Ferreira de Mattos apresentou a dissertação de Mestrado à Universidade

⁹ Aliás, é importante ressaltar que Moacir Pereira, além de jornalista há 50 anos, é escritor e colunista político, atua no Grupo RBS em Santa Catarina e tem em sua trajetória uma importante contribuição para o restabelecimento da história da mídia catarinense. Seus mais de 35 livros publicados abordam personagens da história da imprensa em Santa Catarina e do Brasil e, ainda outros, analisam situações de liberdade de expressão, contexto social e de formação das empresas de comunicação no estado.

¹⁰ A dissertação de Mestrado está disponível na Biblioteca Central da UFSC, na sede de Florianópolis.

de de São Paulo¹¹, *TV Barriga Verde de Florianópolis: estudo de caso do período 1984/1987*, procurando compreender o processo de expansão da *TV Barriga Verde* criada em Florianópolis em 1982. Mattos realizou entrevistas com os principais personagens dessa história e, com base nestes relatos, registrou os aspectos peculiares e mais desconhecidos na literatura sobre o assunto.

No mesmo período descrito acima, foram publicados dois livros importantes. A agência de publicidade Propague, pioneira no mercado publicitário no estado, lançou uma obra em comemoração aos 25 anos de história da propaganda de Santa Catarina¹². Nesta época, o estado catarinense já contava com 11 emissoras de TV¹³ e o livro da Propague expõe um resumo da história de cada uma delas, destacando quem são os fundadores, a tecnologia utilizada, os principais programas e os primeiros profissionais empregados. Em 1992, o jornalista Moacir Pereira lançou o livro *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*, com uma preocupação original: contextualizar os acordos políticos que permitiram a instalação de cada uma das emissoras. A narrativa se desenvolve a partir da implantação das redes de comunicação que se formaram no estado. Este livro está esgotado no mercado das livrarias tradicionais, mas ainda é possível encontrá-lo em algumas empresas que comercializam livros usados.

Os três últimos trabalhos acima citados são as principais referências utilizadas por outros três autores que, alguns anos depois, publicaram obras relacionadas à televisão no estado, porém com enfoque na atuação da Rede Brasil Sul de Comunicação, a RBS (atualmente definida como Grupo RBS). Dulce Márcia Cruz publicou, em 1996, o livro *Televisão e Negócio: A RBS em Santa Catarina*, texto resultante da dissertação de Mestrado em Sociologia Política¹⁴ na UFSC. Cruz faz um breve levantamento sobre a história das emissoras que existiam no estado antes da chegada da RBS (*TV Florianópolis, TV Coligadas e TV Cultura*) para, a partir de então, explicitar os processos de instalação do Grupo RBS no mercado catarinense e quais foram as estratégias de mídia utilizadas por eles rumo à liderança de audiência e do próprio mercado de comunicação no estado.

Paulo Scarduelli realizou trabalho semelhante em sua dissertação de Mestrado em 1996¹⁵, onde procu-

¹¹ A dissertação de Mestrado está disponível tanto na Biblioteca da UFSC, em Florianópolis (SC), quanto na Biblioteca da USP, em São Paulo (SP).

¹² Um exemplar do livro *Propague: 25 anos de História da Propaganda de Santa Catarina* também está disponível na Biblioteca da UFSC.

¹³ Os detalhes desta história e a cronologia de instalação das emissoras serão destacados no tópico seguinte.

¹⁴ A dissertação está disponível na Biblioteca Central da UFSC, em Florianópolis.

¹⁵ A dissertação está disponível na Biblioteca Central da UFSC, em

rou explicar o funcionamento da RBS TV e a sua ligação com a Rede Globo de Televisão a partir dos aspectos editoriais e mercadológicos, tendo como foco a geração de programas locais e sua respectiva venda comercial através da publicidade local. Por ter um recorte muito específico, a dissertação não avança sobre o contexto das emissoras nem, tampouco, sobre o início da televisão no Estado.

Em 2002, o jornalista Lauro Schirmer se propôs a relatar as histórias nunca contadas da maior rede de comunicação do sul do Brasil no livro *RBS: da voz-do-poste à multimídia*. A obra evolui pouco em relação ao resgate da história da televisão no estado catarinense visto que se pauta, principalmente, na experiência e vivência do autor como colaborador da RBS ao longo de muitos anos. Porém, apresenta fatos curiosos, histórias de bastidores (em sua maioria inacessíveis ao grande público na época) e depoimentos de dirigentes e funcionários da empresa e de personagens envolvidos com a radiodifusão catarinense.

A publicação mais recente sobre o tema foi organizada por Antunes Severo e Marco Aurélio Gomes, cujo título já aponta a proposição: *Memória da Radiodifusão Catarinense*, idealizado pela Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão – ACAERT. Este breve panorama das obras que se dedicaram aos primórdios da mídia televisiva em Santa Catarina demonstra a diversidade de abordagens e olhares lançados sobre esta história.

Primeiras imagens das primeiras emissoras

O desenvolvimento do mercado de televisão em Santa Catarina está intimamente ligado ao próprio desenvolvimento cultural, ou, como aponta Cruz (1996), da indústria cultural no estado. Para a autora:

no início da década de 70, a indústria cultural ainda engatinhava em Santa Catarina. (...) Para se ter uma ideia desse atraso, basta dizer que em 1979, Santa Catarina ainda vivia num estágio de mercado televisivo semelhante ao do período que, segundo Bolaño (1988) termina no Brasil em 1965 (CRUZ, 1996, pgs. 52 e 53).

O movimento para trazer a televisão para o estado tem origens diversas, algumas pouco esclarecidas e re-

Florianópolis.

gistradas. De acordo com Pereira (1992), a primeira torre repetidora do estado foi instalada no início da década de 60, em Joinville, por Flávio de Almeida Coelho e trazia sons e imagens da *TV Paraná*, canal 6, de Curitiba. Na mesma época, foram instaladas torres em Araranguá e Tubarão para retransmitir o sinal da *TV Piratini*, de Porto Alegre (MATTOS, 1992).

Na capital catarinense, os primeiros contatos com as imagens da televisão aconteceram graças aos esforços da Sociedade Pró-Desenvolvimento da TV. O grupo de entusiastas resolveu formar uma rede de repetidoras para trazer imagens da *TV Piratini*, de Porto Alegre, ligada à TV Tupi, por acreditarem que esta seria a maneira mais rápida de conseguir seu intento¹⁶. Assim, a partir de 1963, foi estabelecido o caminho para as transmissões televisivas até os receptores de Florianópolis:

Passavam os sinais eletrônicos por cinco repetidoras intermediárias localizadas em Osório e Torres, no estado vizinho, e Araranguá, Tubarão e Imbituba, já em Santa Catarina. A manutenção do sistema era dispendiosa. As despesas eram custeadas com contribuições de instituições como o Rotary e o Lyons; o comércio, especialmente o de eletrodomésticos, interessado em vender mais aparelhos; e, em última instância, a Sociedade Pró-desenvolvimento da Televisão recorria aos proprietários de aparelhos que, com todo o direito, queriam o seu investimento traduzido em informação e lazer (PROPAGUE, s.d., p.31).

Aproveitando as torres de Araranguá e de Tubarão, a Sociedade liderada por Darcy Lopes foi responsável pelo prolongamento da rota do sinal até o Morro da Cruz, em Florianópolis. Nesse contexto desenvolveu-se o que pode ser considerado o primeiro programa de notícias catarinenses na televisão. Conforme registra Mattos (1992), o publicitário Antunes Severo viajava semanalmente até Porto Alegre para, de lá, apresentar cinco minutos de notícias da capital catarinense, com inserções de comerciais de empresas florianopolitanas.

Há indicações de que os sinais da emissora TV Jornal do Comércio, de Recife¹⁷ e da emissora TV Gaúcha, de Porto Alegre¹⁸, eventualmente eram captados

16 Conforme registro de SEVERO e GOMES (2009).

17 Em AMORIM, 1984.

18 Em PROPAGUE, s.d.

pelos aparelhos televisores em Florianópolis. Porém, na bibliografia levantada nesta pesquisa são encontradas apenas registros da existência destes sinais, sem informações mais detalhadas que permitam apurar como eles chegavam à capital catarinense.

O empresário Hilário Silvestre, de Tubarão, foi o responsável pela compra, com recursos próprios, do equipamento básico para a instalação de uma emissora de televisão na capital. Em dezembro de 1964, entrava no ar a **TV Florianópolis**, canal 11, com imagens do Arcebispo Metropolitano Dom Afonso Nihues em mensagem de Natal e com 14 funcionários atuando na empresa (PROPAGUE, s.d. e CRUZ, 1996). Todo o centro da capital e parte do bairro Estreito, na área continental de Florianópolis, passou a receber o sinal da nova emissora que, a partir daí, conquistou espaço e prestígio na sociedade florianopolitana. Segundo Amorim (1984) e Cruz (1996) eram veiculadas quatro horas de programação diária, com base local, de segunda a sábado das 18h às 21h e aos domingos, das 13h às 21h; com apenas duas câmeras exibia programas infantis, noticiários e entrevistas, ao vivo, além de desenhos animados e curta metragens em filmes cedidos por embaixadas estrangeiras (VANDELLI apud CRUZ, 1996, p. 55), porque não tinha recursos técnicos para exibir dois programas ao vivo seguidos.

A TV abria sempre com um documentário (...). Logo após, por volta das 18h30m, entrava um noticiário. Seguia um outro filme e uma nova programação local, desta vez a apresentação de alguma bateria de escola de samba, entrevistas, shows musicais, de dança e revista. (...) Durante as noites um espaço estava sempre reservado às entrevistas com personalidades da ilha, “senhoras elegantes”, ou alguém de reconhecimento nacional em passagem pela cidade. (AMORIM, 1984, n.p.)

Apesar do sucesso inicial, a **TV Florianópolis** funcionou por apenas quatro meses porque não conseguiu a concessão do canal. O fechamento da emissora, em março de 1965, ficaria marcado por dois acontecimentos: um forte temporal que derrubou a torre de transmissão e a deixou pendurada no alto do Hotel Lux e o lacre oficial do CONTEL, proibindo as atividades da emissora¹⁹. Em

19 Não há, na bibliografia consultada, concordância sobre as datas e a sequência destes dois eventos. AMORIM (1984) e PEREIRA (1992) registram que o vendaval teria ocorrido dias após o lacre e, para MAT-

dezembro de 1964, antes do fechamento da emissora, foi lançado pelo CONTEL o edital de concorrência para o primeiro canal de TV da cidade e a **TV Florianópolis** participou, mas foi desclassificada por problemas no texto de seu contrato social (AMORIM, 1984). Segundo um documento em anexo ao TCC de Amorim, o contrato não teria uma cláusula que subordinava as decisões da empresa de TV ao CONTEL e esse teria sido o motivo da desclassificação.

Cinco anos mais tarde Santa Catarina teria, novamente, uma emissora de televisão própria, quando um grupo de quase 300 acionistas, em Blumenau, liderados por Wilson Luiz de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Costa instalou na cidade a **TV Coligadas**. A cidade já era considerada pioneira por ter instalado a primeira emissora de rádio catarinense, em 1935. E, com a televisão, não foi diferente: na noite de 1º de setembro de 1969, colocou no ar um programa de abertura, de 10 minutos de duração, que exibia uma mensagem dos diretores da emissora.

No dia seguinte, aniversário da cidade, começaram as transmissões diárias da programação da Rede Globo de Televisão intercalada com produções locais. Neste ponto, a bibliografia não é consensual, pois há registros que apontam que as transmissões iniciaram no aniversário da cidade, dia 1º, embora a data comemorativa do município seja dia 2 de setembro. Assim, o trabalho mostra as duas versões acreditando, porém, tratar-se de duas transmissões diferentes: uma ocorrida no dia primeiro, com a mensagem dos diretores, e outra, no dia seguinte, dia 02, com o lançamento oficial da programação com a chegada de Vera Fischer, recém eleita Miss Brasil na época.

A **TV Coligadas** não dispunha de aparelhagem para transmissão ao vivo e, por isso, precisava gravar as imagens em filme 16 mm, em preto e branco, sem áudio, para depois exibi-las com narração e efeitos musicais (SEVERO E GOMES, 2009). Nestas condições, a emissora exibia um programa de notícias diário que, a exemplo do Repórter Esso, levava o nome do patrocinador, o *Telejornal Hering*, patrocinado pela empresa de malharia da cidade. Foi também foi pela **TV Coligadas** que os catarinenses passaram à assistir ao Jornal Nacional. Um ano após sua fundação, a emissora já cobria dois terços do território catarinense, com 42 torres repetidoras instaladas pelo estado.

Oito meses depois, a Sociedade Pró-Desenvolvimento da TV colocava no ar, no dia 31 de maio de TOS (1992), o contrário, o vendaval teria ocorrido dois dias antes do lacre pelo CONTEL, o que também teria prejudicado a manutenção da emissora.

1970, o tão desejado canal de Florianópolis: a **TV Cultura**, canal 6, com equipamentos emprestados pela **TV Tupi**. Somente seis meses depois chegaram os equipamentos próprios que foram importados para a emissora: “um moderno transmissor Philips, com dispositivo para emissão em cores, instalado pela primeira vez no Brasil” (PROPAGUE, s.d., p.36). Tal aparelhagem permitiu que a **TV Cultura**, como poucas emissoras no Brasil, participasse da primeira transmissão de TV em cores no país, em 1972. As imagens da Festa da Uva geradas pela **TV Difusora**, em Caxias do Sul, chegaram aos moradores de Florianópolis por um esquema especial da **TV Cultura**: “O Canal 6 instalou televisores em cores, cedidos pelo comércio, em vários pontos da cidade. Florianópolis em peso mergulhou no vídeo” (PROPAGUE, s.d., p.37). Também foi a **TV Cultura** a pioneira na transmissão ao vivo do carnaval da cidade. Com a programação marcada por programas da **TV Tupi** e pela valorização de assuntos locais, a emissora ganhou prestígio entre os florianopolitanos.

Nove anos se passaram até a instalação da terceira emissora de TV no Estado. A Rede Brasil Sul, que já tinha a experiência pioneira no Brasil de ter montado uma rede regional de emissoras eficaz no Rio Grande do Sul, implantou o mesmo modelo em Florianópolis a partir da **TV Catarinense**, amparada por uma cuidadosa pesquisa mercadológica²⁰.

O simples anúncio da vinda da RBS para Santa Catarina causou alvoroço. As emissoras locais tentaram se armar contra a concorrente. Os profissionais que se instalaram na cidade para preparar o lançamento da TV Catarinense, gaúchos na sua quase totalidade, receberam a pecha de forasteiros. Somente um amplo trabalho de marketing e a superioridade tecnológica da RBS conseguiram modificar essa imagem negativa, (PROPAGUE, s.d., p.37).

Pereira (1992) destaca que a **TV Cultura**, única instalada na capital nesta época, “carecia de esquema de jornalismo profissional, de uma boa programação de rede nacional e de equipamentos” (p. 140). Já a **TV Catarinense** da **RBS TV**, trazia modernas câmeras coloridas e ilhas de edição que mudariam a forma de fazer

²⁰ Detalhes desta pesquisa, elaborada pela RBS, estão no trabalho de Cruz (1996).

televisão e telejornalismo no estado. Essa superioridade técnica trouxe mudanças para as duas emissoras que, até então, eram as únicas no estado. Como Rede Globo e RBS já eram parceiras no Rio Grande do Sul, passaram a ampliar os negócios também em Santa Catarina o que fez com que a **TV Coligadas** começasse a perder espaço no mercado catarinense depois que a programação da Rede Globo de Televisão tornou-se exclusividade da nova concorrente.

Depois disso, em 1979, a **TV Coligadas** foi vendida para o empresário Mário Petrelli que também comprou a **TV Cultura**, debilitada pela concorrência. Em 1981, a **TV Coligadas** muda de dono novamente e também é comprada pelo grupo gaúcho e se tornaria a terceira emissora da rede em Santa Catarina, a **RBS TV Blumenau**. A segunda foi a **TV Santa Catarina**, de Joinville, que já nasceu como retransmissora da **TV Catarinense**, de Florianópolis. Até o final da década de 90, a RBS teria uma rede composta por seis emissoras: **RBS TV Florianópolis**, **RBS TV Joinville**, **RBS TV Blumenau**, **RBS TV Chapecó**, **RBS TV Criciúma** e **RBS TV Joaçaba**.

Já a **TV Cultura**, em 1982 passaria a fazer parte da Rede de Comunicações Eldorado, grupo que começava a se expandir nesta época. A TV Eldorado de Criciúma, foi a 23ª empresa do Grupo Diomício Freitas, “influyente empresário do Sul que se projetou pela exploração do carvão e consolidou na cerâmica um império no Estado” (PEREIRA: 1992, p. 148). A emissora trouxe para o Estado, pela primeira vez, os programas da Rede Bandeirantes²¹, mas o forte da sua programação era as produções locais, com destaque para os programas *Revista Feminina*, de Lenita Cauduro, *Show da Viola*, com Antônio Rosa, e para a transmissão do Festival de Ballet Bolshoi, direto de Joinville em rede nacional. Até o final da década de 80, a Rede de Comunicações Eldorado, a RCE, estaria formada com outras três emissoras: a **TV Cultura**, de Florianópolis, a **TV Vale**, de Itajaí e a **TV Xanxerê**, além de 11 emissoras de rádio²².

No Planalto Catarinense, um grupo de investidores liderado por Roberto Amaral preparava a instalação da primeira emissora de TV na cidade de Lages. Amaral queria seguir o legado de seu pai, Carlos Joffre, pioneiro na instalação de sistemas de alto-falantes na cidade, na década de 40. Para consolidar o sonho do pai, contava com a parceria de diretores do Grupo Perdigão.

²¹ Severo e Gomes (2009) registram que as transmissões começaram em fevereiro de 1979. O livro da Propague registra que foi em janeiro de 1980. Reitera-se que, apesar de ter sido realizada entrevista com Severo, o autor não trouxe novas informações sobre estes aspectos.

²² Em SEVERO e GOMES, 2009, p. 207.

Assim, em primeiro de julho de 1980 entra no ar a **TV Planalto**, com sérias dificuldades para receber o sinal de emissoras nacionais²³, por isso, a produção local era o mais forte, intercalada por programas comprados eventualmente da **TV Manchete** (RJ), da **TVS** (SP) ou da **TV Guaíba** (RS). Severo e Gomes registram um depoimento de Mário Motta, apresentador da emissora nesta época, que demonstra a influência do jornalismo gaúcho na programação da TV lageana: “eventualmente recebíamos por fitas, via ônibus de um dia para o outro, reportagens sobre o Inter, sobre o Grêmio, sobre o Campeonato Gaúcho que eles mandavam como colaboração” (SEVERO E GOMES, 2009, p. 218). Mais tarde, a **TV Planalto** tornou-se a primeira afiliada do Grupo Silvio Santos que tem o Sistema Brasileiro de Telecomunicações, o SBT do Brasil.

Outras duas emissoras ainda surgiram nos primeiros 20 anos da TV em Santa Catarina: A **TV Cultura**, de Chapecó e a **TV Barriga Verde**, de Florianópolis. Em comum, trazem em sua história o envolvimento do empresário Mário Petrelli, que, como já se anunciou, no início da década de 80 se desfez do controle acionário da **TV Coligadas** de Blumenau e da **TV Cultura** de Florianópolis. A licença para operar um canal em Chapecó foi concedida a Darcy Lopes, fundador da **TV Cultura** de Florianópolis²⁴ que, mesmo antes do início das operações, teve o canal vendido para Petrelli, colocando no ar, em 23 de abril de 1982, a **TV Cultura** de Chapecó exibindo a programação do SBT. Um ano depois do início das operações, Mário Petrelli vende a emissora para o Grupo RBS.

A **TV Barriga Verde** foi o terceiro canal de televisão de Florianópolis e entrou no ar em agosto de 1982, retransmitindo a programação da **TVS** e, conforme registra Mattos (1992), logo nos primeiros dois anos, a emissora conquistou uma janela de seis horas diárias de programação local. Eram telejornais, programas de variedades e comunitários, sempre com destaque para a cultura catarinense²⁵. Essa vasta produção local, porém, não durou muito tempo. Em 1985 a emissora filiou-se à **Rede Manchete** que restringiu a produção da **TV Barriga Verde** a um único telejornal diário. Hoje, a **TVBV** é afiliada ao Grupo Bandeirantes e, a partir de 2012, passou a utilizar o nome **Band SC**²⁶.

23 *Ibidem*, p. 218.

24 Em SEVERO e GOMES, 2009, p. 203.

25 O trabalho de Mattos traz a descrição de boa parte dos programas exibidos pela emissora.

26 A principal fonte de informações sobre a história da emissora, desenvolvida por Mattos, foca suas investigações no período entre 1984 e 1987, deixando uma brecha a ser investigada para demonstrar como ocorreram as mudanças na emissora após esse período.

Algumas conclusões

O percurso de implantação das emissoras do estado catarinense em muito se parece com o que aconteceu no Brasil e em diferentes regiões, embora em muitos momentos da história concomitante e outros posteriores. A maioria das emissoras no estado catarinense surge de grupos regionais com poder financeiro e político que articulavam-se para viabilizar a implantação das empresas em suas cidades. A estrutura era limitada e as equipes inexperientes tanto no negócio como no âmbito das produções, o que os obrigava a experimentação e ao improviso.

A pesquisa mostrou que na medida em que cada região introduziu características da cultura local estas foram, ao longo dos anos, formatando um modo brasileiro de ver, fazer e compreender a televisão. Além disso, as emissoras surgidas em regiões menos desenvolvidas, mesmo estas sendo capitais de estados brasileiros, enfrentaram dificuldades e apresentaram soluções de acordo com suas especificidades geográficas, econômicas, políticas e sociais. Na fase inicial, por exemplo, todas tiveram um espaço de muita produção local, ao vivo, que foi diminuído ao se filiarem às grandes redes. Assim, houve uma gradual padronização de linguagens e culturas hegemônicas, pois as produções locais catarinenses passaram a ceder espaço para produções ditas nacionais, de origem do eixo Rio - São Paulo, ou para a repetição de produtos “enlatados” internacionais.

Os formatos locais e programas de conteúdo local ou regional perderam-se na falta de uma estrutura para o arquivamento imagético e, alguns produtos mantêm-se em poder particular cujo acesso não é permitido, impedindo que se possa recuperar uma parte importante da história recente da televisão no Brasil: aquela produzida regionalmente. Do que se pode acessar sobre os telejornais, a pesquisa mostrou que havia duas formas quase padrão de produção²⁷: 1) aquelas que remetiam aos modos e rotinas já estagnados pelas emissoras mais conhecidas em SP e RJ; 2) pelo espaço mais amplo e a falta de estrutura, os telejornais locais abriam espaço para atrações diferenciadas, tais como entrevistas longas, apresentações ao vivo de artistas convidados e análises mais aprofundadas (em forma de conversa) sobre fatos e acontecimentos importantes, pois tinham poucas imagens editadas, trabalham com ao vivo ou com imagens exibidas em sequência enquanto se conversava sobre elas (aos moldes dos primeiros noticiários).

27 A pesquisa teve acesso a alguns registros de programas, alguns arquivados pelas emissoras, outros de posse de particulares. Este material, mesmo escasso e de acesso restrito, permitiu a análise discursiva sobre os formatos produzidos no período estudado. Não foi liberada, porém, a publicação deste material pelo grupo de pesquisa.

Somente o Grupo RBS, que já tinha um padrão testado no Rio Grande do Sul de produção regional não trouxe inovações nesta concepção, muito embora seja apontado como inovador na forma como administrou e implantou a empresa em Santa Catarina²⁸. Do ponto de vista dos formatos dos programas, repetiu as fórmulas de sucesso no estado gaúcho que já tinham uma certa aproximação do padrão de produção da TV Tupi e, mais tarde, da própria Rede Globo. E, como aponta Boni (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011), a televisão brasileira seguiu os modelos de transmissão local ao vivo não só porque não tinha meios técnicos nem para gravar e nem para retransmitir, mas, principalmente, porque herdou a cultura de produção de conteúdo do rádio, e, de certa forma, é isto que se comprova ao analisar o mercado de televisão e de telejornalismo das emissoras locais instaladas em Santa Catarina.

Referências Bibliográficas:

AMORIM, Maristela. *Os Primeiros Tempos da Televisão em Florianópolis: A TV Florianópolis*. 1984. Não paginado. Monografia - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BARBOSA, Ana Paula Goulart RIBEIRO; Marialva Carlos (orgs.). *Comunicação e História: partilhas teóricas*. Florianópolis: Insular, 2011.

BARBOSA LIMA. Gabriel PRIOLLI; Arlindo MACHADO e Fernando. *Televisão & Vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CRUZ, Dulce Márcia. *Televisão e Negócio: a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

EMERIM, Cárilda (org.). *Telejornalismo e pesquisa: resultados e experiências*. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2011.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

MARCO, Ben Hur de. *O controle da mídia: elites e a radiodifusão em Santa Catarina*. 1991. 140f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MATTOS, Sérgio Ferreira de. *TV Barriga Verde de Florianópolis: estudo de caso do período 1984/1987*. 1992.

28 A análise dos programas realizados no Rio Grande do Sul foram foco das pesquisas do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq) entre os anos de 2009 e 2011.

(varias paginações) Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1992.

_____. *O golpe do silêncio*. São Paulo: Global, 1985.

PROPAGUE. *Propague: 25 anos de historia da propagan- da de Santa Catarina*. [S.l.: s.n.], [19--]. 98p.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil*. São Paulo: Summus, 2000.

SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA SOBRINHO. José Bonifácio de. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

SCARDUELLI, Paulo. *Network de Bombacha: os segredos da TV regional da RBS*. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHIRMER, Lauro. *RBS: da voz-do-poste à multimídia*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. *Memória da Radiodifusão Catarinense*. Florianópolis: Insular, 2009.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Recebido: 30/04/2013

Aprovado: 29/07/2013